

A PERSONALIDADE WEILIANA RESSOA A SUBJETIVIDADE KIERKEGAARDIANA: UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO.

Antônio Juliano Ferreira Lopes*

Resumo: Aproximar pensamentos de pensadores de contextos histórico-filosóficos tão distintos é sempre um desafio ímpar, ainda mais em se tratando de uma relação praticamente inexplorada, como entre Søren Kierkegaard (1813-1855) e Eric Weil (1904-1977), mas tal tentativa de aproximação conceitual é o nosso intento para esta breve pesquisa. Estamos particularmente interessados no conceito/ categoria weiliano de personalidade e em como Weil até certo ponto pode ter obtido influências das considerações de Kierkegaard acerca da concepção deste de subjetividade, que abrange por sua vez os conceitos de pensador existente, singularidade, e de Indivíduo. O conceito de personalidade é apresentado e descrito na *Lógica da Filosofia* (1950), obra na qual Eric Weil lista e descreve uma série de categorias lógico-filosóficas essenciais à compreensão do decurso da história do pensamento humano, categorias essas imprescindíveis para o aprimoramento do pensamento filosófico como um todo. Seguindo um percurso composto por categorias irreduzíveis umas às outras, é evidente o esforço de Weil de organizar, à sua maneira, um sistema um todo coerente e totalizante, embora sem as pretensões grandiloquentes e ontológicas da *Ciência da Lógica* de Hegel (1812-1816), a grande obra de referência para o seu gênero e que certamente inspirou a criação do sistema lógico de Eric.

Palavras-Chaves: Personalidade, Subjetividade, Existência.

THE WEIL'S PERSONALITY RESOUNDS KIERKEGAARD'S SUBJECTIVITY: AN ATTEMPT OF APPROACH.

Abstract: It is always a unique challenge to approach thoughts of thinkers from such diverse historical-philosophical contexts, especially in relation to a relationship that is practically unexplored, as between Søren Kierkegaard (1813-1855) and Eric Weil (1904-1977), but such an attempt to conceptual approach is our intent for this brief survey. We are particularly interested in the weilian concept / category of *personality* and how Weil can to some extent have derived influences from Kierkegaard's views on the conception of this *subjectivity*, which in turn covers the concepts of existing thinker, singularity, and individual. The concept of *personality* is presented and described in the *Logic of Philosophy* (1950), in which Eric Weil lists and describes a series of logical-philosophical categories essential to an understanding of the history of human thought, categories that are indispensable for the improvement of thought philosophical as a whole. Weil's effort to organize, in his own way, a coherent and totalizing whole system, though without the grandiloquent and ontological pretensions of Hegel's

* Doutorando em Filosofia – UFC. E-mail: juliano.lobes@oi.com.br.

Logical Science (1812-1816), the great work of reference for its genre and that certainly inspired the creation of the logical system of Eric.

Keywords: Personality, Subjectivity, Existence.

Na *Lógica da Filosofia*, as categorias da lógica weiliana se pressupõem umas às outras, formando uma rede conceitual intrincada, mas com forte senso de unidade, o que torna problemático a análise de uma categoria tomada isoladamente, no nosso caso específico, a *personalidade*. Tentaremos, no entanto, com necessária cautela transcorrer e descrever tal categoria sem pressupormos rigorosamente as categorias anteriores e sem esperar, por sua vez, tal conhecimento prévio da parte do leitor. Mas a par dessa primeira dificuldade metodológica, surge-nos outra maior, da ordem dos temas aqui tratados, referente à esfera do conteúdo mesmo, e que consiste em aproximar autores de objetos, tipos de escritas e metodologias tão diversos, pois como se sabe, em contrapartida a intenção sistemática de Weil, Kierkegaard, por sua vez, não queria ter nada a ver com o “sistema”, não o elaborou e criticou à sua maneira o ideal sistemático, este em pleno vigor nos cursos de filosofia de sua época, graças à influência gigantesca da “onipotente” filosofia hegeliana. A aversão de Kierkegaard ao *sistema de filosofia*, longe de ser casual, culminou em uma planejada série de obras autorais e pseudônimas que enfatizam fortemente o caráter existencial e subjetivo de seu respectivo autor, autores kierkegaardianos os quais, seria bem-vindo registrar aqui, se adequam muito bem à proposta de Weil no que tange à atitude da *personalidade*, como intuiremos no decorrer do texto.

Diante do exposto, prosseguiremos na nossa tentativa de aproximar conceitualmente dois pensadores de tipos de escrita e objetivos tão díspares, ao consideramos os elementos comuns nos conteúdos descritos por ambos. No que toca aos procedimentos metodológicos desta pesquisa, para apreendermos o conceito que aqui nos interessa de Weil nos infiltraremos exclusivamente na seção 12 da *Lógica da filosofia*, intitulada *Personalidade*, e no que respeita a Kierkegaard, faremos uma análise mais panorâmica, mediante a recorrência de obras diversas nas quais as noções de *pensador subjetivo* e *subjetividade* são mais evidenciadas, tais como no *Pós-escrito*

conclusivo e não-científico às migalhas filosóficas (1846) e em *Temor e Tremor* (1843), obras escritas por pseudônimos distintos, mas que todavia, apresentam em suas respectivas obras, uma perspectiva conceitual similar. É válido ressaltar, a guisa de esclarecimento, que conteúdo e método não se separam na escrita do autor dinamarquês. Finalmente, não buscamos simplesmente forçar a todo custo uma aproximação conceitual sem reservas entre Weil e Kierkegaard, mas antes mostrar em que aspectos ambos convergiram na concepção do âmbito mais íntimo do ser humano: o Eu e a subjetividade, e junto com estes, o sentimento e a paixão.

A Personalidade descobre a subjetividade

O homem quando descobre a *personalidade*, descobre nada mais e nada menos do que a si mesmo, como o seu tesouro mais inestimável e que, ainda assim, está inteiramente ao seu alcance, o que equivale a dizer que está ao alcance de qualquer um por igual; mas há que se atentar para o modo como essa descoberta ocorre, segundo Weil. Uma vez estado na categoria do discurso, da inteligência, o homem reconhece a insuficiência desse estado de coisas, a saber, da sua razão autossuficiente, que já não é mais para ele o absoluto ou o instrumento para se captar o que ela sequer suspeita de ser o absoluto. Ao descobrir a instância superior que corresponde ao *eu*, o homem não abole ou rejeita, todavia, o uso da inteligência, ou sua atividade especulativa, muito pelo contrário, a razão permanece, continua a dá o seu ar de graça, mas agora trabalha ao serviço da *personalidade*, que se tornará, doravante, o seu valor absoluto: “O homem que não se contenta com o jogo da inteligência, mas interpreta a si mesmo – sem renunciar, no entanto, à inteligência -, constitui-se como centro de um mundo que é o de sua liberdade. Ele é valor absoluto, fonte de valores: personalidade” (WEIL, 2012, p. 399).

A *inteligência*, auxiliar natural e indispensável do homem culto, do pensador especulativo, o pode conduzir apenas até certo ponto, mas não pode auxiliá-lo no que toca ao fator decisivo. Kierkegaard por meio da obra *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas* reflete enfaticamente na problemática da *subjetividade* e do que ele considera como o *existir autêntico*. E como o problema acerca do indivíduo singular se

apresenta? Como um algo relacionado diretamente ao *pathos* e que apenas se resolve neste. A paixão da existência é o princípio e o fim para o sujeito que ultrapassa a razão ou mesmo para aquele que jamais descobre essa última rigorosamente. Não se trata aqui, obviamente de uma paixão qualquer, mas de *pathos existencial*. Para o pseudônimo Johannes Climacus a questão subjetiva fundamental e absoluta é a que diz respeito à própria salvação do pensador, do homem consciente de si mesmo, e a doutrina existencial trazida pelo Cristianismo seria a que teria proporcionado ao homem individual a maior ênfase para a sua salvação pessoal, que por sua vez deve consistir no interesse absoluto para àquela individualidade. A felicidade eterna proposta pelo cristianismo deve interessar tão somente, pois, à subjetividade, e nunca à inteligência:

O sujeito está apaixonadamente, infinitamente interessado em sua felicidade eterna, e agora deveria ser ajudado pela especulação, ou seja, ele mesmo especulando. Mas, para especular, ele precisa tomar justamente o caminho oposto, precisa abandonar e perder-se a si mesmo na objetividade, desaparecer para si mesmo. (KIERKEGAARD, 2013, p. 61).

A fuga do homem à razão especuladora, identificada por Weil como *inteligência* é demonstrada quando, pela atitude da *personalidade*, o homem se desprende dos seus contemporâneos ao abandonar o território comum a fim de se aprimorar no *si mesmo*. Na busca incessante por si reside toda a sua seriedade e interesse, ele que não quer mais se confundir com o homem ordinário ou com a frieza de um sistema teórico, lógico, científico. Tal homem assim interessado por si é, em suma, um homem superior, que permite sentir a vida e que “quer levar a si mesmo a sério, não quer se encontrar como encontra os outros homens ou um sistema, uma sinfonia, uma pedra” (WEIL, 2012, p. 400). Ele rejeita por completo a condição do homem inteligente, do pensador especulativo, a qual conduz ao sacrifício de si próprio, a saber, o *eu-personalidade*, em prol da história, da humanidade, do clamor pelo universal. Agora lhe interessa mais do que nunca efetuar o movimento de regresso, no qual ele parte da especulação, para chegar a si próprio, e a *personalidade* apenas efetua esse retorno quando vive. “Trata-se de viver: e o homem já não quer ser inteligente à custa de sua vida” (WEIL, 2010, p. 403).

É o que Kierkegaard sugere ao ponderar que o pensador objetivo, o filósofo histórico-sistemático, desaparece para si mesmo ao se converter no seu próprio conteúdo especulativo, uma verdade objetiva que para a perspectiva do sujeito existente lhe é apenas ilusória. A força da especulação trouxe o ser humano existente, e com este, a possibilidade de sua liberdade. É dessa forma que “no saber histórico, ele [o homem inteligente] vem a saber muito sobre o mundo, nada sobre si mesmo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 84). Mas não saber nada sobre si mesmo não implica que tal homem não possui o essencial, e que nesse sentido, nada possui? É o que Weil expõe na sua descrição do homem inteligente de *personalidade* recém-descoberta: “Era inteligente para todos, construía mundos para eles, explicava seus conflitos, resolvia seus dilemas, descobria o bem de cada um, e ele próprio nada possuía” (WEIL, 2012, p. 402). A *personalidade* weiliana abdica satisfatoriamente, portanto, de todo o pensamento objetivo, que reflita de forma exterior sobre o mundo ou si mesma, para que nessa renúncia espontânea, possa unicamente vir a existir, ser; em suma, “a personalidade não quer ser uma abstração” (WEIL, 2012, p. 404).

Em Kierkegaard, *ser* enquanto o equivalente à existência concreta do *eu*, possui total primazia sobre a atitude do pensar especulativo e científico, que objetifica o sujeito e o transforma em *flatus vocis*, em algo menos do que nada. O indivíduo existente, no entanto, também é um pensador, está mais do que apto a pensar dialeticamente, e à moda grega, refletir a si mesmo nesse pensamento, na medida em que vive para e nesse pensamento ou quando este traduz em linguagem humana o conteúdo do existir do ser existente. Não se trata aqui, evidentemente, da identidade abstrata aprimorada na filosofia idealista moderna e que tem suas remotas raízes no pensamento grego antigo, no qual ser e pensar seriam idênticos. Longe disso, tal identidade, entre pensamento e existência, antes apenas expressa “exatamente o oposto do que parece ser; ela é a expressão de que o pensamento abandonou completamente a existência” (KIERKEGAARD, 2016, p. 47). O desafio para as gerações modernas, para o *indivíduo* e especificamente para o *homem inteligente* cuja sensibilidade ainda lhe permite se angustiar e se preocupar decisivamente para com a sua própria existência, concerne em escapar à abstração para se converter fielmente no ser existente. No que toca ao homem

comum, a sua tarefa aparenta, em teoria, menor dificuldade, mas nem por isso a tarefa está isenta de adversidades, dada a natureza não imediata e em constante devir que consiste no ato de se ser um *eu*. A tarefa para o homem que vive será sempre a de se tornar um *Indivíduo*⁷⁰.

Um caráter forte e decisivo atribuído à atitude-categoria da *personalidade* por Weil diz respeito à sua autossuficiência em relação aos sistemas objetivos e à exterioridade do mundo. Isso significa que pela personalidade, o homem se torna absolutamente senhor de si e de seu mundo, o qual compreende nada mais e nada menos do que a sua própria ação criadora. Da perspectiva da *personalidade*, “o mundo é seu mundo pessoal, mundo único, inefável senão pela personalidade que nele se realiza ao realiza-lo. Eu posso construir tão somente o meu mundo, e do meu mundo sou o único juiz, o único legislador” (WEIL, 2012, p. 404). Embora não possamos identificar tal atitude-categoria ao solipsismo moderno, uma vez que Weil acentua insistentemente a importância da dimensão social da *personalidade* que jamais se encontra sozinha, mas sempre no interior de uma comunidade, sempre próxima aos outros para lhe fazerem fronteira e lhe fornecerem à exata medida, não podemos descartar, todavia, a ideia de que a *personalidade*, enquanto critério legítimo de ação e de justificação, encontra-se sozinha no mundo que é ela própria tão somente, e em sua justificada autossuficiência, sua responsabilidade jamais é fracionada com a dos outros. Nesse sentido, ela cria a si mesma, carece de qualquer outro centro de fundamentação e de inspiração. À modo da famosa sentença existencialista, sua existência precede a sua essência, esta última na qual “o homem não é, ele se faz, e o ato contínuo no qual ele se faz é ao mesmo tempo criador do mundo” (WEIL, 2012, p. 404).

⁷⁰ O *Indivíduo* é a categoria máxima velada por Kierkegaard, sem a qual toda a oposição deste ao poderoso pensamento objetivo-sistemático se esfacelaria ou se tornaria muito impotente. Em poucas palavras, o que o filósofo dinamarquês concebe como *Indivíduo* diz respeito àquele ser humano que em sua singularidade imediata se torna naquilo em que ele se torna, mediante a escolha ética, na qual ele escolhe pelo *si mesmo*. Ao mesmo tempo, o *Indivíduo* se encontra na existência, no existir, em oposição a uma existência especulativa, a um mero pensar que não pode traduzir toda a instância ontológica que há no existir, enquanto este ato pertence a uma categoria do espírito, enquanto o mero pensar pertence a uma categoria da reflexão ou do entendimento. Se o *Indivíduo* se encontra na existência, ele também está relacionado com o Absoluto, Deus e mais especificamente, à teleologia cristã. “O Indivíduo: é a categoria do espírito, do despertar do espírito, tão oposta quanto possível à política. [...] O Indivíduo: é a categoria cristã decisiva; e sê-lo-á para o futuro do cristianismo” (KIERKEGAARD, 2002, p. 128).

De certo modo, tal concepção também carrega similaridades com a da *subjetividade* kierkegaardiana, com a clara ressalva de que para essa última, a dimensão do *eu* não pode ser desvinculada de sua instância criadora e absoluta, que é Deus. A existência do *indivíduo* está intimamente relacionada com o esforço pessoal e com a energia investida para com a sua relação com Deus, uma relação absoluta para a subjetividade que efetivamente existe. A existência da *subjetividade* encontra na religiosidade o seu ápice, e ao mesmo tempo, uma existência absoluta, difícil de ser mantida, pois exige toda a transmutação de sentido do *finito* por parte do Indivíduo, que deve aprender a viver direcionado para o *infinito*. Nesse sentido, a subjetividade nunca encontra-se rigorosamente sozinha, mas sempre em face à Deus. Seria válido, assim, no interior da lógica weiliana e no trato da categoria da *personalidade*, uma retomada desta à categoria de *Deus*, que Weil, pelo menos considerando suas exposições subseqüentes, não desenvolve. Por outro lado, Kierkegaard insiste nessa relação, a saber, do *eu* para com o *eterno* ou Deus. Nas palavras do pseudônimo Climacus:

Mas se a relação com Deus e a finitude devem combinar até nos menores aspectos (onde a dificuldade se torna maior) unidos na existência, então a aquiescência precisa encontrar sua expressão na esfera mesma da religiosidade e ser de tal natureza que o indivíduo não ultrapasse de novo a relação com Deus para voltar a existir inteiramente em outras categorias. (KIERKEGAARD, 2016, p.189).

A *personalidade* weiliana, por seu lado, não conhece restrições e nem proibições, ela é o seu próprio universal, sua lei se confunde com ela mesma e com sua posição nesse mundo que lhe é forjado. Em consequência, sua linguagem já não pode ser meramente compreensível ou captável pela razão. O seu idioma é o sentimento, *pathos* dissociado de qualquer princípio, de quaisquer finalidades. A moralidade só lhe poderia configurar como uma estranha, porque em princípio, a *personalidade* lhe é completamente alheia, e para tanto, indiferente. Como o “*seu único guia é o sentimento*” (WEIL, 2012, p. 408) não é de estranhar que a personalidade não precise de qualquer outra justificação que não corresponda a si mesma. Ela fala a linguagem do sentimento auto pressuposto, fonte de criação livre e espontânea e para a *personalidade* mesma, absoluta, uma vez que “nada vale para o homem senão na medida em que ele o sente, nada lhe é dado verdadeiramente a menos que ele o sinta” (WEIL, 2012, p. 421).

Ao se expressar, a *personalidade* cria a si mesma, mediante a originalidade mesma de sua linguagem. Conforme nos diz Weil: “ser uma personalidade é ter uma linguagem própria, é ser ela própria ao ser linguagem, linguagem completa que possa dizer tudo e linguagem pessoal na qual toda expressão expresse a personalidade” (WEIL, 2012, p. 409). O subjetivismo radical parece assim, ser um dos pilares conceituais de definição para a categoria weiliana da *personalidade*. Como explicitado acima, Kierkegaard enfatiza o papel determinante e crucial da *subjetividade* frente ao domínio massivo das instâncias objetivas, morais e sistemáticas que circulam pelo mundo, mas diferentemente das suposições weilianas, a *subjetividade* tal como enfatizada por Kierkegaard, mesmo lhe sendo conferida autonomia para, em certo sentido, no da linguagem e expressividade, criar a si mesma, ela não poderia, contudo, rigorosamente inventar a si mesma ou ser a instância absoluta para si mesma. Para o pensador danês, *Deus* é o suporte que ampara o *eu* e a *subjetividade*, mas aqui se faz necessário compreender que apenas uma mediação extraordinária poderia unificar na *existência* os dois lados ou dimensões da realidade efetiva, quais sejam, eterno e temporalidade, infinito ao finito. E em que consiste essa mediação?

Enquanto a *subjetividade* kierkegaardiana, que identificamos aqui com a personalidade weiliana, também fala e apenas compreende a linguagem sentimental do *pathos*, o qual está infinitamente direcionado e interessado para si mesmo, a paixão do homem correspondente às suas mais altas ambições para consigo e a única que pode mediar com segurança a relação homem-Deus, é identificada pelo filósofo nórdico com a paixão da *fé*, que é por seu turno “a paixão suprema num homem. Haverá porventura em cada geração muitos que nem sequer lá chegam, mas nenhum deles avança” (KIERKEGAARD, 2009, p. 188). Assim como a *subjetividade* é passional e simultaneamente agente por intermédio da *fé*, assim sua linguagem é também uma completamente outra da do entendimento especulativo e filosófico. A linguagem da *subjetividade* é original, na medida em que é artística e é artística, na medida em que pertence exclusivamente e com pleno direito, à interioridade. O que Weil chama de linguagem criativa da *personalidade* e que marcaria a ruptura desta para com o da inteligência filosófica, Kierkegaard concebe aqui uma *comunicação artística*

duplamente refletida da subjetividade, a qual deve servir de confirm que aparta o pensamento abstrato-objetivo do existente-subjetivo:

A diferença entre o pensamento objetivo e o pensamento subjetivo também tem de se manifestar na forma da comunicação, o que significa que o pensador subjetivo deve logo prestar atenção a que a forma tenha, artisticamente, tanta reflexão como ele mesmo a tem, ao existir em seu pensamento. (KIERKEGAARD, 2013, p. 77).

A linguagem da *subjetividade* kierkegaardiana é, pois, artística, pois não reflete diretamente a sua própria existência, que cravada na interioridade e na dinâmica própria do *dever* (o qual por sua vez gerencia toda e qualquer existência interior), apenas se expressa mediante uma comunicação indireta, subjetiva. A *personalidade*, como não poderia ser diferente, é a causa e ao mesmo tempo produto da liberdade, para àquela surge a possibilidade efetiva de um *ou-ou* cujo conteúdo lhe é indiferente, pois apenas a escolha importa, tal como a possibilidade de se criar mediante as escolhas “*e é na sequência dessas escolhas que ela [a personalidade] aparece*” (WEIL, 2012, p. 414). O *ético*, enquanto tal, mesmo quando dissociado do *religioso*, enquanto àquele prepara o homem para este, possui um valor incomensurável para Kierkegaard que atento à dialética própria da liberdade e de modo semelhante à Weil, prioriza a primazia que corresponde à maturidade do ato de escolher, e conseqüentemente, do viver mediante esse agir, uma vez que o sujeito deliberadamente age mediante a atitude da escolha. O *ético* agiria assim, como uma unidade temporal de passado, presente e futuro, ao transcender o próprio tempo e determinar a *subjetividade* de modo indelével. Talvez, seja nesse sentido que “*somente no ético há imortalidade e a vida eterna*” (KIERKEGAARD, 2013, p. 160).

A *personalidade* escolhe ser si mesma, ser um *eu*. Mas ao se tornar um *eu* consciente ela entra em choque e rompe com os outros, que ainda não descobriram por si mesmos essa escolha *absoluta* e nem a reconhecem no interior da *personalidade*. Como corolário, segue-se que embora esta compreenda os outros, unificados na *multidão*, esta, por sua vez, não reconhece ou acolhe àquela em toda a sua onipotente singularidade. Resultado: o *eu* que se descobriu como *personalidade* é fadado à condenação e ao extermínio iminente, mas não antes de ser perseguido e tratado como absolutamente incompreensível e mesmo, louco, perante os olhos “*sadios*” dos outros

que encarnam furiosamente a *multidão*, sedenta por suprimir a vida original da *personalidade*. Esse conflito é natural e historicamente compreensível: quantos homens autênticos e singulares não tiveram suas vidas perseguidas e ceifadas pelas mãos das contemporaneidades oclusas e fanáticas no transcorrer do curso da história? Weil compreende bem essa situação:

O que arrisco, portanto, é a mim mesmo. Mas o que isso significa? Arrisco minha vida e minha liberdade. Eles podem me matar ou me encarcerar como criminoso, porque eu ameaço seus valores. Podem tratar-me de louco, porque não “compreendo” seus valores. (WEIL, 2012, p. 418).

Loucura, incompreensão e perseguição também são marcas registradas do indivíduo autêntico que vive o estigma do *cavaleiro da fé*, tal como tratado por Kierkegaard, em especial em sua obra pseudônima *Temor e tremor*, na qual é descrita com precisão os dilemas do indivíduo em face a Deus, o qual se encontra em *relação absoluta para com o absoluto*, relação essa para sempre uma incógnita para os contemporâneos de qualquer era. A singularidade desperta a incompreensão e esta, a tribulação que acompanha apenas àquele que está de posse do paradoxo, nesse caso específico, do *paradoxo da fé*. A seguir, o pensador nórdico recorre às personagens bíblicas para ilustrar o arquétipo da *subjetividade religiosa*, esta apenas pertencente às personalidades raras:

Maria necessita tão pouco da admiração mundana, quanto Abraão necessita de lágrimas, pois nem ela foi heroína, nem ele foi herói; mas nenhum deles veio de modo algum a ser maior do que os heróis por se encontrarem isentos de adversidade, de tormento e de paradoxo, antes foi por essa via que se tornaram grandes. (KIERKEGAARD, 2009, p. 124).

Weil, por sua vez, não deixa de evocar a dimensão do *conflito* como pertencente à dinâmica própria da *personalidade*, que no isolamento de si mesma, permanece em tensão por sua relação de atração e de repulsão para com os outros. Todo o sentimento sincero e vigoroso se concentra, assim, na tensão do conflito. Dito de outro modo: “*a personalidade só é no conflito*” (WEIL, 2012, p. 426). Como vimos, em Kierkegaard, a paixão máxima da subjetividade é a fé, a qual se traduz e culmina em contínua tensão e adversidades. Por consequência, o “sofrimento, como a expressão essencial do pathos existencial, significa que se sofre realmente, ou que a realidade efetiva do sofrimento é o pathos existencial” (KIERKEGAARD, 2016, p. 158).

A dimensão paradoxal da *personalidade* surgiria como uma consequência inevitável desse choque com a *inteligência*. Ao se criar a si mesma, àquela atitude-categoria elucida os critérios que permitem que ela apenas seja compreendida por si própria, ou talvez seja mais apropriado falar aqui de ser *sentida* por si própria, pois é a esfera do sentimento que lhe dita as regras e ninguém poderá se apoiar desse *sentir* se não viver em primeira pessoa. Ao falar, a *personalidade* fala a linguagem do mundo, a saber, do seu próprio, unicamente seu. O sistema e a ciência tentam compreendê-la recorrendo à linguagem direta, impessoal e objetiva, mas por isso mesmo não poderá jamais penetrar em sua inteligibilidade, melhor dizendo, ininteligibilidade. Ela pertence à ordem do paradoxo, e “por isso, tudo que é dito sobre a personalidade é paradoxal” (WEIL, 2012, p. 432). E assim deve ser, a própria razão assim a reconhece, pois o estado de paradoxalidade se impõe com pleno direito como uma das possibilidades legítimas da existência humana. O paradoxo é sentido e vivido pela realidade absoluta do *eu*. Transcrito em linguagem religiosa, o *eu* é aquele que pode ser reconhecido como o *indivíduo* que se relaciona de maneira absoluta para com o absoluto, assim é o *cavaleiro da fé*, àquele que apenas pode ser compreendido por quem está de posse da mesma espécie de paradoxo, o paradoxo da fé. Nesse sentido, “o cavaleiro da fé é o paradoxo, o singular, absoluta e unicamente o singular, sem afinidades nem redundâncias” (KIERKEGAARD, 2009, p. 139).

A *personalidade* precisa agora lidar com Deus e fornecer uma decisão acerca deste, não acerca das provas de sua existência ou não, mas se ela mesma irá livremente se relacionar com o anúncio do deus-homem, deus no tempo, deus esse para sempre inacessível para a cognoscibilidade humana e apenas revelado como o supremo incógnito. Esse Deus incógnito se manifestou na pessoa de Cristo. Pela deliberação insondável do divino, Cristo “deixou de ser o substrato absoluto de um Ser que deveria ser acessível á razão e que é tão somente sentido pelo homem” (WEIL, 2012, p. 443). Sendo Cristo o paradoxo por excelência, não é minimamente de estranhar que o cristianismo seja essencialmente marcado pelo sinal distintivo do *paradoxo*, e que ele converta a existência humana mesma em uma existência paradoxal. Kierkegaard está atento a isso ao denunciar a deturpação do cristianismo original, convertido na

modernidade como um sofisticado fenômeno estético: a cristandade, a qual soube perfeitamente demolir a autenticidade singular da existência, ao esvaziar completamente o conteúdo vital do paradoxo cristão, ao reduzir esse a uma semivida, vida espectral, e a rigor, inexistente:

[...] o cristianismo tem sido relegado ao **estético**, onde o incompreensível é o **relativamente** incompreensível, o qual tem sua explicação, como algo de superior, no tempo, para trás, ao invés de ser o cristianismo uma comunicação existencial que faz com que o existir seja paradoxal, razão porque ele se mantém como o paradoxo enquanto se existe. (KIERKERGAARD, 2016, p. 276, grifo nosso).

Considerações Finais:

Tentamos aqui evidenciar alguns pontos comuns da atitude-categoria de Weil à concepção de Kierkegaard. Embora haja pontos cruciais divergentes, considerando que a argumentação weiliana esteja mais familiarizada com a filosofia nietzschiana e o conceito de *Übermensch* (além-do-homem), o essencial aqui foi destacar que a subjetividade em Kierkegaard possui afinidades visíveis com a *personalidade* tal como descrita na *Ciência da lógica*. Dito de outro modo, enquanto a existência humana efetiva for marcada pelo conflito, desespero e angústia, “o ‘paradoxo’ de Kierkegaard continua a preocupar o homem”, paradoxo esse legitimado “pelo sentimento que justifica sem precisar de justificação” (WEIL, 2012, p. 446). Há que se atentar, todavia, que o desafio inerente à tarefa de se tornar um *eu*, uma personalidade religiosa, criada pelo e apenas no interior do paradoxo cristão, não foi forjado por Kierkegaard, que longe de “inventar” a dificuldade, antes a reconhece ao se esforçar por compreender o fenômeno da religiosidade cristã, a qual ele considerava como o máximo para uma existência humana. De algum modo, Weil também destaca o papel revolucionário do cristianismo para a sua categoria de *personalidade*, enfatizando a liberdade e a consciência potencializadas ao máximo pelo homem que ao descobrir o cristianismo, descobriu também a si próprio e toda a sua real possibilidade enquanto ser existente. “Nesse sentido, a personalidade é a realização final do cristianismo, seu segredo descoberto” (WEIL, 2012, p. 447).

Estando em uma posição à parte do genérico no gênero humano, mas jamais desprendido deste, a *personalidade* sente a ânsia por auxiliar os que lhe são próximos, aqueles homens perdidos no abismo da ciência e das verdades numérico-abstratas que, para àquela, nada dizem. Mas a *personalidade* fala, e em sua tentativa de educar, não se confunde com a figura docente, muito menos sente arder em si a vaidade da maestria, “precisamente porque ela é filosofia pessoal, vivida e viva, que nada ensina. A personalidade fala sem ensinar.” (WEIL, 2012, p. 434). De modo similar, a verdadeira subjetividade religiosa, tal como concebida por Kierkegaard, não pode trair a dialética da sua existência, que voltada para a interioridade e para o *devoir*, compreende perfeitamente que o ensino direto é um embuste para consigo próprio, pois trai a paradoxalidade da fé, um embuste para a pessoa supostamente ajudada, que impede o progredir de sua própria tarefa ao se entregar aos favores da admiração mundana, e, por fim, um embuste contra Deus, ao ousar se intrometer na relação privada deste para com o auxiliado. Por tais razões:

O verdadeiro cavaleiro é testemunha, nunca é mestre. [...] Quem pretende apenas ser testemunha, reconhece por essa via, que homem algum, nem mesmo o mais insignificante, necessita da participação de outro, nem deve ser dessa forma humilhado para que um outro seja exaltado. Mas como nem ele mesmo ganhou o que ganhou por uma bagatela, também não o vende por uma ninharia, não é assim tão mesquinho que receba a admiração dos homens e lhes conceda em troca o seu mudo desprezo; sabe que na verdade é grande o que está ao alcance de todos por igual. (KIERKEGAARD, 2009, p. 140).

Por fim, há que se considerar que o *eu* autêntico, seja sob a forma da *personalidade* weiliana ou da *subjetividade* kierkegaardiana, possui forte aversão a tudo o que diz respeito à sabedoria sistemática, à ciência e à verdade impessoal, a tal ponto destas serem elas mesmas suas inimigas de honra. Apenas gostaríamos de justificar tal *aversão*, que pode também muito bem ser melhor entendida por *incompatibilidade*. Não é que o *individuo* que vive pautado na arte revigorante do sentimento não queira simplesmente se interessar pelo resultado especulativo e objetivo. De fato, ele não o consegue, pois vive apenas para si, e a partir do momento em que existe no seu sentimento, morreu em certo sentido para a exterioridade, o que significa que ele apenas tem tempo para se dedicar a si mesmo, à incessante tarefa que consiste em ser um *eu*, ao manter a sinceridade, honestidade e não trair o anseio que lhe pertence mais

propriamente do que qualquer outra inclinação que ele poderia ter direcionado para o mundo exterior. De certa forma, sua atitude representa um estado de rebelião, rebeldia autêntica e legítima na busca para o encontro de si, o máximo a que uma personalidade humana pode buscar almejar. Em sentido decisivo, a ação da *personalidade* corresponde à palavra de adeus da subjetividade à objetividade.

Referências bibliográficas:

CANIVEZ, Patrice. **Éric Weil**. Paris: Ellipses, 1998.

COSTESKI, Evanildo. **Atitude, violência e estado mundial democrático**: sobre a Filosofia de Eric Weil. Fortaleza: UFC, 2000.

KIERKEGAARD, S. A. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor** / Søren Aabye kierkegaard; tradução de João Gama. Lisboa: Ed. 70, 2002.

KIERKEGAARD, S. A. **Pós-escrito às migalhas filosóficas**, vol. I / Søren Aabye kierkegaard; tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, S. A. **Pós-escrito às migalhas filosóficas**, vol. II / Søren Aabye kierkegaard; tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

KIERKEGAARD, S. A. **Temor e tremor** / Søren Aabye kierkegaard; tradução, introdução e notas de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

KIRSCHER, Gilbert. **Eric Weil ou la raison de la philosophie**. Paris: Presses Universitaires du Septentrion, 1999.

PERINE, Marcelo. **Eric Weil e a compreensão do nosso tempo**: ética. Política e filosofia. São Paulo: Loyola, 2004.

WEIL, Eric. **Filosofia política**. São Paulo: Loyola, 1990.

WEIL, Eric. **Lógica da Filosofia** / Eric Weil; tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2012.